

A TRÍADE LÍNGUA-DISCURSO-IDEOLOGIA NA RELAÇÃO COM O CORPO

Darlene Rodrigues Freitas¹

RESUMO: Este trabalho objetiva compreender como o corpo é discursivizado na entrevista do cabeleireiro James França para o documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* e que relações de sentido se estabelecem nesse discurso entre corpo e sujeito. Esse documentário integra a série *Tabu Brasil* no canal por assinatura, *National Geographic Channel*. Para analisar o processo de produção dos efeitos de sentido dessas enunciações, este trabalho se fundamenta na Análise de Discurso. Para essa teoria há sempre um batimento entre o dispositivo teórico e o analítico, e o método se organiza em torno desse batimento e do estabelecimento específico do *corpus* que por sua vez convocam um vai-e-vem entre descrição e interpretação. A proposta de trabalhar a temática da relação entre corpo e sujeito torna-se relevante tanto no âmbito acadêmico, teórico, quanto do ponto de vista social em virtude de seu discurso exercer uma influência marcante na sociedade brasileira em relação ao corpo. Fundamentando-se teoricamente pela perspectiva da Análise de Discurso, a elaboração desta pesquisa tem como proposta reflexiva a relação “língua-discurso-ideologia”. Tal relação, sustentada por dispositivos teóricos e analíticos, permitirá reconhecer a memória, o pré-construído, assim como conhecer o modo como os sentidos estão sendo produzidos e como as posições sujeito estão se constituindo na relação do simbólico com o histórico. Como resultado deste trabalho, espera-se compreender os efeitos de sentidos produzidos a partir das formulações do sujeito desta pesquisa.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Corpo. Sujeito. Imagem.

ABSTRACT: This work aims to understand how the body is discursive in the interview of the hairdresser James França for the documentary *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* and the relations of meaning that are established in this discourse between body and subject. This documentary is part of *Tabu Brasil* series on the subscription channel, *National Geographic Channel*. In order to analyze the process of producing the meaning effects of these enunciations, this work is based on Discourse Analysis. There is always a beating between the theoretical and the analytical device for this theory. Besides, the method is organized around that beat and the specific establishment of the corpus which determines a back-and-forth between description and interpretation. The proposal to work on the relation between body and subject becomes relevant both in the academic, theoretical and social aspects due to the influence of this discourse on Brazilian society in relation to the body. Based on the Discourse Analysis perspective, the elaboration of this research has the relation “language-discourse-ideology” as a reflexive proposal. Such a relationship, supported by theoretical and analytical devices, will allow us to recognize the memory, the pre-constructed, as well as to know how the senses are being produced and how the subject positions are being constituted in the relation of the symbolic to the historical. As a result of this work, it is expected to understand the effects of senses produced from the subject formulations of this research.

Keywords: Discourse Analysis. Body. Subject. Image.

O corpo, materialidade discursiva que não escapa da interpelação ideológica é que dita as regras do bem-estar. E, tem-se a impressão de que esse corpo não se satisfaz apenas com o prazer. O corpo exige o gozo que excede, transpõe, desestabiliza. Assim, o corpo parece não se importar se esse gozo está no excesso de cosméticos, de procedimentos estéticos e/ou de cirurgias plásticas, o que importa é alimentar a fome de gozo desse corpo que se nutre desses excessos. Desse modo, este trabalho objetiva analisar enunciações de um dos entrevistados no

¹ Mestra em Linguística pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVAS, e-mail: darlene.freitas@ifma.edu.br.

documentário Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas produzido e veiculado no canal por assinatura, *National Geographic Channel – Brasil* (NGC), segmento da *National Geographic Society*, também conhecido como *NatGeo*. Esse documentário integra a série Tabu Brasil que aborda temáticas consideradas polêmicas, exóticas, controversas. A série já havia sido exibida no Brasil em versão latino-americana, porém, em março de 2012 foi exibida a primeira temporada de versão totalmente brasileira, com temas e produção nacionais. Segundo a proposta da série, Tabu Brasil mostra temas que são considerados tabus por ferirem normas sociais, religiosas ou culturais, mas que merecem uma análise isenta de preconceitos. Disponível em sites especializados como o *Fox Play*, um serviço disponível para os clientes de TV por subscrição que tenham incluídos os canais *Fox*, *Fox Life* e/ou *Fox Crime* no seu pacote, assim como na provedora de filmes e séries, *Netflix*, o referido documentário possui, no presente, 1.362.000 visualizações no *Youtube*. Além de toda essa circulação, uma pesquisa de mestrado intitulada “Representação e Identidade cultural em Tabu Brasil” e a linguagem dos documentários da *National Geographic* para a TV”, desenvolvida na Universidade de São Paulo, por Maria Luisa Prandina Rodrigues, problematiza a parcialidade que a *National Geographic Society* parece assumir ao selecionar determinados grupos sociais, identificando-os como tabu, paradigmas do diferente, importando conceitos euroamericanos sem levar em consideração as diferenças culturais. A pesquisadora se sentiu estimulada a estudar as representações de tabu produzidas em território nacional que apresentam sujeitos cujas identidades supostamente constituem um tabu, uma extravagância, cada um a seu modo, sob a ótica da *National Geographic Society*. O posicionamento, no mínimo parcial, que a produtora parece assumir ao optar por determinadas representações de identidades culturais brasileiras, considerando-as extravagantes, sob seu ponto de vista, taxando-as como paradigmas do diferente, do tabu, torna-se então, “o fio condutor de seus dizeres entremeados por noções euroamericanas com requintes colonialistas, utilizados na representação do outro, distante geográfica, história e socialmente”. O interesse dessa pesquisa é outro, todavia, o trabalho de Rodrigues (2014) permite, de antemão, observar uma linha de significação que, nesta formulação, constitui o discurso do documentário em questão, levando-se em consideração que, discursivamente, o sentido se produz em determinadas condições de produção, “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

Por essa via, busca-se compreender, a partir dessa materialidade, as relações de sentido que se estabelecem, nesse discurso, entre corpo e sujeito. Para analisar o processo de produção dos efeitos de sentido de algumas enunciações do entrevistado, essa pesquisa se fundamenta na Análise de Discurso, para a qual o tripé corpo, sentido e sujeito se constitui em um vasto e

relevante campo de estudo tendo em vista que o corpo (se) significa, (se) textualiza, (se) discursiviza no tempo e no espaço como materialidade que produz sentidos. Ao trabalharmos em nosso dispositivo teórico-analítico a relação língua-discurso-ideologia, pudemos dar visibilidade ao modo como os sentidos estão sendo produzidos e como a posição sujeito está se constituindo na relação do simbólico com o histórico.

A fim de exemplificar a proposta de temática da série em pauta, listar-se-á títulos de alguns dos episódios apresentados: mudança de sexo, tratamentos polêmicos, fanatismo, cadáveres, prostituição, nudismo, compulsão. Ao se tomar conhecimento dos temas propostos, torna-se, no mínimo, significativo o fato de cirurgias plásticas fazerem parte de uma série que aborda “tabus”. Por que o tema cirurgias plásticas entra nessa rede metonímica? Será pela compulsão à cirurgia plástica? Supõe-se que seja para tentar tamponar algo que nesse sujeito se significa como falta. O tema Cirurgias Plásticas entra na rede da compulsão, do excesso. E, percebe-se que a construção discursiva do programa indica que, supostamente, há uma justificativa psicológica para o excesso. Justifica-se que o sobrepeso se deu em decorrência de uma gravidez e/ou da perda do marido; justifica-se que a compulsão por seios cada vez maiores se dá pelo longo período de amamentação; justifica-se que a preocupação em cultivar um corpo sem rugas, marcas ou gordura se baseia no contexto de beleza vivenciado no âmbito familiar e profissional. Parece haver, sempre, uma necessidade de expor um motivo psicológico para se deixar transformar, como se fizesse parte do processo discursivo, produzir justificativas para algo, teoricamente, injustificável.

Em seguida, o diretor-geral da segunda temporada, Kiko Ribeiro, discorre sobre o projeto do *NatGeo*:

De maneira dinâmica e inteligente, Tabu Brasil busca trazer à tona tabus do cotidiano brasileiro ou comuns a outras culturas convidando o telespectador a conhecê-los, adentrando um universo evitado, escondido ou renegado. A série não toma partido e não julga. Apenas coloca luz onde antes se vivia na penumbra, mostrando os dois lados.

O ato de trazer temas que geram conflitos e questionamentos, pode gerar, também, no telespectador, o desejo de fazer seu próprio julgamento quanto à atitude dos entrevistados: Eles agiram de forma correta ou de forma errada? Então, em determinado momento, surge na tela uma chamada: “Não é certo. Não é errado. Tabu Brasil”. Uma apresentação que já divide e assim estabelece a produção de um julgamento acerca do tema. Em relação a “não tomar partido”, torna-se notório que ao decidir criar a série, já foi tomado partido. E, ao estabelecer dois lados, a equipe produtora da série pensa determinar o número de interpretações possíveis. Considerando (ORLANDI, 2004) que “o sentido sempre pode ser outro”, questiona-se:

quantos lados há? Não se sabe quantos são os lados, contudo, pode-se afirmar que são muitos lados. Sabendo-se que o sujeito não possui controle sobre o que diz, tendo em vista que o discurso proferido vai produzir sentidos outros, desconhecidos/esquecidos pelo sujeito que o proferiu, não se faz possível limitar o número de “lados” a serem mostrados.

Como é vedado qualquer tipo de contato a um objeto ou a alguém considerado tabu, o que o torna ocultado da visão, isto é, o tabu torna-se invisível, misterioso, censurado, proibido. Assim sendo, continua despertando interesse o questionamento residente no fato de o tema “cirurgias plásticas” entrar na rede metonímica de tabu. Será que “erraram a mão”? Compreende-se que tabu, geralmente, é ligado à falta, contudo, no documentário em análise, tabu entra ligado ao exagero. Ou seja, não há algo que não possa ser falado. Ocorre um efeito metafórico ligado ao exagero. Vê-se o tabu ligado ao excesso, ligado ao discurso capitalista da beleza como algo a ser consumido. Significar o sujeito como completo, como o que sabe o que deseja, como o que tem certeza do que vê como imagem de si, são esses efeitos que sustentam o documentário nessa série tabu e que a própria série sustenta; significar o sujeito e seu corpo de forma completa.

Na exibição do episódio “Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas” em junho de 2013, quarto episódio da segunda temporada, o qual selecionou-se para a análise, o narrador, em *off*, faz a introdução do assunto, situando assim, o espectador, enquanto três entrevistados de regiões brasileiras diferentes, fazem uma auto-narrativa sobre o ponto comum que os une, nesse episódio, a cirurgia plástica. A saber: Sabrina Almeida, Dj e modelo, São Paulo - SP; James França, Empresário e Cabeleireiro, Sete Lagoas - MG; Elisabete do Couto Dias, Confeiteira, Campo Grande - RJ. Vale a pena questionar o motivo pelo qual estes foram escolhidos para o programa. Compreende-se que, a partir dessa seleção, a própria temática os considera como anormalidade. O documentário também conta com análises e comentários de especialistas: Dr. José Horácio Aboudib, Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Joana Novaes, Professora da UVA – Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza – PUC-Rio; Dr. Fernando de Barros, Cirurgião bariátrico; Dr. Carlos Roxo, Chefe do Serviço de Cirurgia Plástica Reparadora do Hospital Federal de Andaraí – RJ; Dr. Luiz Alberto Lamana, Cirurgião plástico, médico de James França. São exibidos, ainda, os depoimentos de Cláudia França, Esteticista, maquiadora e irmã de James França; Joyce Dias Batista, Professora, filha de Elisabete do Couto Dias; Sérgio Silva, Cabeleireiro, pai de James; Elisângela Oliveira Lourenço, Técnica em enfermagem, irmã de Elisabete. O documentário ainda mostra a imagem de Alexandre, namorado de Sabrina Almeida, contudo, nenhuma fala dele é exibida no episódio.

Os três entrevistados fazem uma auto-narrativa que se pode denominar, também, de testemunho. Necessário se faz modalizar o sintagma “testemunho” sob a perspectiva da Análise de Discurso do modo como Mariani (2016) o faz quando formula “a ideia de testemunho enquanto transmissão do real que está em jogo em uma experiência analítica, por um lado; e testemunho enquanto relato de experiências (traumáticas) vividas, por outro (*idem*, p. 163). Cada um deles narra o corpo, testemunha do corpo, utilizando-se da única forma que cada um sabe sobre o (seu) corpo, da forma como o (seu) corpo significa. Testemunhar, torna-se, muitas vezes, um ato impossível, devido à insuficiência de palavras, na língua, capazes de expressar a experiência vivida. Segundo a autora, “falamos sob o efeito de um resto, sofremos com o enigma das repetições, damos de cara com os equívocos e deixamos desconcertados diante desse lugar a partir do qual respondemos à demanda do Outro (MARIANI, 2016, P. 166). Desse modo, como testemunhas que não só presenciam, mas vivem o drama, eles narram suas experiências pessoais com a cirurgia plástica: Sabrina Almeida, apelidada de Sabrina Boing Boing por um apresentador de televisão, é a mulher brasileira com maiores próteses de silicone. O documentário acompanha sua quinta cirurgia na qual são injetados 2,5 litros de silicone em cada seio; James França se submeteu a sete intervenções cirúrgicas em sete anos entre tratamentos de pele, remodelagem do nariz, desenho do lábio superior, cantopexia e enxerto de queixo; Elisabete do Couto Dias foi aconselhada pelo médico a se submeter a uma cirurgia bariátrica após atingir 112 kg. Com a perda de peso em decorrência da cirurgia, o acúmulo de pele se concentrou na barriga, tornando-se um problema de equilíbrio físico para Elisabete. Oito meses após a bariátrica, ela precisou de uma cirurgia plástica para retirar o excesso de pele. Entrar-se-á em contato, portanto, com os dizeres de um dos entrevistados citados, considerados por Mariani (2016) como testemunhos de análise, que, assim formula:

Testemunhar sobre um dizer que diz de um dizer esgarçado e já acontecido, é dizer do encontro com a falta... de garantias, de insígnias, de sentidos... Um dizer que segue adiante, que passa por seus furos e entre as diferenças significantes, movendo-se discursivamente, com um incansável trabalho com a língua, e em lalíngua (MARIANI, 2016, p. 167).

Desse modo, busca-se analisar as discursividades **do corpo** no documentário “Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas”, isto é, a forma como ele é significado de diferentes maneiras no material de pesquisa, considerando os distintos lugares de formulações **sobre o corpo**. *A priori*, identificou-se, em atravessamento, o discurso da beleza, o discurso da exposição e o discurso da saúde. No decorrer da análise, todavia, observar-se-á se esses discursos se manterão, de que modo, e se outros discursos serão convocados nesse atravessamento.

Ao se destacar as expressões do corpo e sobre o corpo no parágrafo anterior, pretende-se chamar a atenção para a distinção existente entre esses dois discursos. Entende-se que o

discurso **do corpo** leva a pensar no modo como o corpo já é significado, contudo, sempre em significação, significa o sujeito – algo ligado à polissemia, ao processo, ao movimento, à transformação; ao passo que o discurso **sobre o corpo** leva a refletir na maneira como este corpo é significado – algo ligado ao resultado, ao que é ideal ao que é essencial, fundamental, aparente, visível, pronto.

Direciona-se, portanto, a pesquisa para as discursividades contidas na relação do sujeito com o (seu) corpo, ao mesmo tempo que se questiona em que condições de produção se constitui uma subjetividade. Em relação ao processo de subjetivação, mesmo sendo interpelado ideologicamente, o sujeito desconhece que o é. Desse modo, esse sujeito acredita que é a origem de suas práticas discursivas, assim, pensa ter pleno domínio de seu discurso. Segundo Orlandi (2012, p. 6), “é na questão da materialidade do sujeito que está a negação do sujeito como origem quer de si, quer dos sentidos”. Sendo o discurso a materialidade específica da ideologia e a língua a materialidade específica do discurso, o indivíduo é interpelado em sujeito através das formações discursivas que, na linguagem, representam as formações ideológicas que lhe são correspondentes. Assim, a identidade do sujeito é constituída pelos processos de identificação. “E como os processos de identificação é que constituem a identidade do sujeito, podemos assim observar os movimentos do sujeito na história, face a sua forma de construção e seus modos de individuação pelo discurso [...]” (ORLANDI, 2012, p. 13).

Por essa via, o episódio Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas, inicia com a seguinte narrativa:

Há quatro mil anos atrás, o homem fez uma das primeiras interferências no corpo. Mas, foi somente há cerca de um século que passou a usar bisturis e outros objetos perfurantes para **reconstruir** ou **moldar** partes do **corpo** consideradas **imperfeitas**. Mas, nunca se dominou tão bem a técnica da cirurgia plástica como hoje. **Reformamos narizes, retiramos sobras, redistribuímos gordura. Aumentamos** quase tudo que queremos. **Redesenhamos** o corpo para alcançar um **padrão de beleza** estabelecido e **reforçado** pela cultura. Mas, o que acontece quando as medidas que desejamos são muito maiores do que é indicado para o nosso corpo?

O breve histórico da cirurgia plástica que a narrativa inicial do documentário descreve, ressalta a maneira como foi sendo construída, gradativamente, uma referência ao corpo. Os verbos reconstruir, moldar, reformar, retirar, redistribuir, aumentar e redesenhar ganham formas diferentes ao significar o corpo ou marcam um modo de significação do corpo. Os significantes que são convocados pela memória discursiva ao se ouvir os verbos reconstruir ou reformar talvez remetessem a areia, pedra, cimento, água, tinta, materiais comumente usados numa construção ou reforma. No entanto, no discurso sobre o corpo, os verbos reconstruir, moldar, reformar, retirar, redistribuir, aumentar e redesenhar na relação com o

corpo, parecem projetar uma imagem de corpo como uma massa passível de reconstrução, a qual se molda seja redistribuindo, aumentando, retirando sua matéria. Dessa maneira, dando ao corpo um sentido e ao mesmo tempo naturalizando todo o processo de transformação a que se submete o corpo. Do mesmo modo, quando se é levado a redesenhar algo, imagina-se logo que o desenho original foi borrado ou algum tipo de erro ou erros foram cometidos no primeiro desenho que precisará ser refeito, na busca de atingir um modelo perfeito, sem defeito. No que se refere à intervenção cirúrgica do corpo, redesenhar, como em um processo de substituição, entende-se modificar, alcançar uma forma diferente, satisfazer o imaginário de um determinado paciente. Logo, retirar, ou seu antônimo, aumentar, quando usados no discurso da interferência cirúrgica não carregam a mesma carga semântica. Fala-se as mesmas palavras, mas se fala de forma diferente, como afirma Orlandi (2004) em relação à língua. A memória discursiva também convoca o sentido de coisa ao se entrar em contato com os verbos reconstruir ou reformar, como se fosse a reforma de uma casa, de um prédio. Porém, sinalizando como algo comum, o vocabulário da cirurgia estética já utiliza o estrangeirismo *body-building* para falar de remodelagem do corpo. *Body-building* como tecnologia do/no corpo. Barus-Michel (2013, p. 38) refere-se à técnica *body-building* “para remodelar o corpo a fim de fazer uma réplica daqueles corpos de sonho oferecidos à contemplação invejosa pelas revistas”. *Body-building*, na linguagem *fitness*, é a “construção” de um novo corpo. Uma nova forma física através de muito exercício físico e dieta apropriada. Logo, atenta-se para a palavra *building* que, além de construção, também pode significar prédio, edifício na língua inglesa.

Faz-se pertinente interpretar, também, a repetição do prefixo “re” no discurso do narrador. Ao pronunciar “reconstruir”, “reformamos”, “retiramos”, “redistribuímos”, “reforçado”, observa-se que o prefixo “re” aponta para o sentido de naturalização do processo de cirurgia estética como algo extremamente fácil, sem problematizar, de nenhuma forma, os altos riscos que envolvem uma intervenção cirúrgica. Falar, ler e ouvir o “re” tantas vezes naturaliza o processo cirúrgico. Compreende-se, ainda, que o prefixo “re” pressupõe uma repetição, um fazer de novo algo que já existe, já tem, o que se constitui como objetivo da cirurgia plástica.

Observa-se, também, nessa narrativa introdutória, a forma como se busca alterar o corpo para alcançar um padrão de beleza. E torna-se interessante notar como se dá esse padrão de perfeição. Embora se saiba que a indústria imagética das clínicas de beleza, dos *spas*, dos cosméticos, das academias de atividades físicas, etc., fomenta o discurso da boa aparência, da imagem perfeita, parece não existir um padrão definido de perfeição. Enquanto perfeição estética para alguns é não ter o mínimo possível de gordura no corpo, para outros perfeição

estética significa injetar gordura em algumas partes desse corpo. Em virtude disso, não causa estranhamento quando a narrativa fala em “redistribuímos gordura”. Em um primeiro momento, pensa-se logo que o fato de redistribuir gordura não se harmoniza com o discurso da saúde que prega os malefícios da gordura, então, entende-se que houve um deslocamento do verbo eliminar para o verbo redistribuir. O discurso da saúde parece se contradizer ao discurso do corpo perfeito.

É justamente nesse ponto que podemos localizar a confluência de dois campos de sentido: as ciências biológicas e o Mercado que, aliados, seriam o palco da produção de sentidos [...] (CHIARETTI, 2017, p.161).

A saúde se descola, afasta da beleza, contradiz. “O corpo belo é o corpo saudável” não está atrelado ao discurso neoliberal da medicina/tecnologia que produz o corpo perfeito. Para uma melhor compreensão desse enunciado, faz-se pertinente recorrer à Orlandi (2004, p. 56). “Pela análise da historicidade do texto, isto é, do seu modo de produzir sentidos, podemos falar que um texto pode ser – e na maioria das vezes o é efetivamente – atravessado por várias formações discursivas”. Nessa perspectiva, convém observar como algumas pessoas gastam horas em academias e grandes recursos financeiros para reduzir o nível de gordura no corpo enquanto outras gastam, também, altas somas em finanças, porém, para aumentar o nível de gordura no corpo, só que em partes específicas.

Assim, é importante observar que esse documentário é constituído de várias discursividades sobre o corpo. Há o discurso dos especialistas da saúde, o discurso das pessoas que se submeteram às cirurgias e o discurso da própria série que ao falar sobre o corpo, o significa, dá sentido a ele.

O objetivo da pesquisa é, então analisar de que modo o corpo é discursivizado nesses diferentes lugares de significação que constituem o documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. E, ainda, a maneira pela qual se dá a relação do sujeito com o (seu) corpo que é atravessada pela memória. De acordo com Orlandi (2013), que regiões da memória discursiva são evocadas nessas (por essas) discursividades?

No que se refere à relação corpo e sujeito, tomar-se-á como material de análise, a entrevista de/sobre James França, um dos três entrevistados no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Seleciona-se, a seguir, um trecho dessa entrevista:

A sensação que eu tenho da cânula entrando na pele e ela mexendo lá dentro, pra mim é uma **satisfação**. Não chega a ser dor. É quase um prazer, uma **satisfação**. Então **não me incomoda**. A dor, ela praticamente fica anulada perto da **satisfação**.

O discurso do entrevistado se assemelha a um discurso masoquista que sente prazer através da dor. É o gozo masoquista. O gozo que se compreende como satisfação da pulsão

escópica. O recorte diz que tem uma pulsão sendo satisfeita, uma pulsão que está perto da satisfação. A elipse evidenciada no/pelo discurso indica que é um gozo sentido no corpo, que é um corpo de gozo. Nunca se satisfaz plenamente, é sempre uma coisa e outra: uma busca eterna pela satisfação e, simultaneamente, uma insatisfação.

O efeito de sentido que produz parece, também, assemelhar-se ao discurso da Psicologia que se refere à força de vontade. O indivíduo tem uma meta tão definida à sua frente que desconsidera os percalços do caminho, mantendo o foco. E o verbo “manter” parece ser extremamente peculiar ao cabeleireiro. Assim, a dor parece irrelevante para alguém tão perseverante como o entrevistado e torna-se ínfima ao ser comparada com os almejados efeitos estéticos que possivelmente proporcionará. Sabe-se que várias pesquisas científicas apontam para um número crescente de pessoas que buscam na estética resultados que elevem sua autoestima e, conseqüentemente, seu bem estar. James França, provavelmente, constitui-se em um sujeito dessas pesquisas. E, ao considerar a **satisfação** ao se submeter à injeção da cânula, mencionada repetidas vezes no discurso do cabeleireiro, seria interessante pensar na forma material satisfação e perguntar: satisfação de quê, satisfazer o quê?

Torna-se relevante observar a formulação: “**Então não me incomoda**” confrontando com a formulação repetida pelo entrevistado reiteradas vezes: “**Algo me incomoda**”. Observa-se que esse sujeito estabelece uma relação de mal-estar com seu corpo a partir do “**algo me incomoda**” e “**não me incomoda**”. Quando ele diz “**algo me incomoda**”, inconscientemente, ele transfere o mal-estar para as espinhas, para as marcas no corpo. A submissão à cirurgia estética soa como resolução da problemática do incômodo. No entanto, logo após o procedimento cirúrgico, algo mais passa a incomodar novamente. Se o discurso reforçado pela sociedade de mercado que possibilita colocar no corpo e tirar do corpo é da ordem da subjetividade, seria a junção do inconsciente com a ideologia se materializando nas marcas, nas espinhas? Faz-se necessário admitir que não há conforto em se tentar estabelecer o que é do sujeito e o que é do social; o que se faz interessante é falar dessas duas materialidades juntas e mescladas.

Freud relata que boa parte do sintoma histérico é moldável, deslocável, afetado pela palavra de modo bem maleável. Por outro lado, o sintoma também se apresenta com dimensões sólidas, que insistem em se manter ao longo da vida. Continuam da mesma forma que se apresentam inicialmente. Talvez fosse esse segundo exemplo de sintoma o mais aplicável no caso do entrevistado. Sintoma que leva ao gozo – “relação do ser falante com o seu corpo” (LACAN, 2012, p. 21). De acordo com a psicanálise, não há sujeito psicanalítico sem corpo, da mesma forma como não há corpo humano sem sujeito. Nessa via, é o gozo que possibilita

existência ao corpo humano, que por sua vez, é um “corpo falante”. Corpo esse que abriga a *lalangue*, usada pela linguagem para “fazer falar um corpo que goza” (QUINET, 2017, p. 3), haja vista pensar que o corpo simbólico do Outro é constituído de linguagem. Assim sendo, o corpo tende a ser diferente para cada sujeito porquês é aquele que se reveste do significante, tem um corpo. Logo, cada sujeito apresenta um corpo único, capaz de produzir efeitos de sentidos variados. Corpo histórico, constituído pelos dizeres do Outro.

Analisa-se, também, nesse recorte, o sujeito assujeitado pelo efeito da interpelação ideológica do indivíduo, de modo a representar uma posição social assumida pelo cabeleireiro ao se alocar no discurso da satisfação apesar da dor. Em virtude da submissão ao inconsciente, o sujeito clivado, cindido, assujeita-se à interpelação ideológica, apresentando-se como elemento fundamental da resistência. Sujeito que se inscreve na linguagem, torna-se possível perceber a contradição no discurso de resistência à dor nos procedimentos estéticos.

Percebe-se, a partir do exposto, que o “**não me incomoda**” da cirurgia surge como possibilidade de resolver esse mal-estar. Assim, como efeito de sentido, compreende-se que o incômodo com uma espinha, uma ruga, um grama de gordura a mais se sobrepõe, incomparavelmente, ao incômodo da dor durante o procedimento estético. O prazer de eliminar o que o incomoda é tão intenso que o incômodo da dor parece se transformar em prazer, parece soar como uma outra formulação: “Se é a dor que exterminará o meu incômodo, então a dor não me incomoda”. A dor atingindo a dimensão de gozo.

Frente ao *corpus* de análise, apreende-se que, discursivamente, o corpo fala, o corpo significa. O corpo sempre foi um lugar visível que ao ser contemplado, sempre significa porque está em uma rede simbólica, ideológica e “[...] toda forma de significar, é acontecimento da linguagem no sujeito, este, visto na história e na sociedade” (ORLANDI, 2012, p. 12). Os sentidos plurais do corpo reclamam olhares múltiplos a fim de que se teorize dele. “Sua materialidade polissêmica (SOARES, 2001) pode ser tomada como síntese de sonhos, de realizações de desejos, de frustrações, de tiranias e de redenção de sociedades inteiras”.

Na perspectiva da tríade corpo, sujeito e discurso como foco deste trabalho, convoca-se Orlandi (2012): “A relação do sujeito com o corpo aparece como transparente, mas não é [...]. Linguagem, sujeito e história não têm transparência porque têm materialidade. Em sua relação contraditória. E estão afeitos ao funcionamento da ideologia” (p. 85-86). Na opacidade, considera-se o corpo como objeto de discursividades que levam o sujeito, afetado pela história e pela memória, a imagináveis e inimagináveis efeitos de sentidos.

REFERÊNCIAS

- BARUS-MICHEL, Jacqueline. Uma sociedade nas telas. *In*: AUBERT, Nicole;
- HAROCHE, Claudine (Orgs.). *Tirania da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- CHIARETTI, Paula. O corpo no discurso da ciência e da tecnologia: a lógica *do plugand play*. *In* ORLANDI, Eni P; RODRIGUES, Eduardo Alves; CHIARETTI, P (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e espaço social*. Campinas: RG Editores, 2016.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. Edição original: 1971-72.
- MARIANI, Bethania. “A impotência das palavras” e o indizível em *morte inventada*. Notas sobre alguns testemunhos. (ou primeiras notas sobre a função testemunhal). *In*: Cavallari, Juliana Santana; Baldini, Lauro e Barbai, Marcos Aurelio (Orgs.). *Discurso e psicanálise: a versão do sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4^a.ed. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. Processos de significação, corpo e sujeito. *In*: *Corpo, sujeito, sentidos*. Aline Fernandes de Azevedo (Org.) Curitiba: Appris, 2012.
- _____. A palavra dança e o mundo roda: Polícia! *In* GUIMARÃES. E.(Org.). *Cidade, linguagem e tecnologia*. Campinas: Labeurb, 2013.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp. 1997.
- QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas . *In*: *Corpo e história*. Carmen Lúcia Soares (Org.). Campinas: Autores Associados, 2001.